Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE

Ano VII - nº267 - Uberaba/MG - de 4 a 10 de novembro de 2003

O fim de uma tradição

Jornal da cidade deixa de circular depois de 104 anos de história

págs. 6, 7 e 8

LAVOURA E COMÉRCIO

Madalena Prata e as memórias da revolução págs. 3, 4 e 5

issuu-downloader.com

Editorial

Um jornal de história, com a história de um jornal!

Um jornal de histórias! Histórias de pessoas que fizeram a tradição da imprensa uberabense. Esta edição traz a missão de relembrar e lamentar o fechamento do jornal mais tradicional da cidade, podemos dizer do estado senão do Brasil. São 104 anos de jornalismo que que se acaba.

Desde sua fundação o Lavoura & Comércio deixou de circular apenas dois dias, na década de 80, devido à greve dos gráficos.

Em mais de um século de vida o veículo suportou todas as transformações, investindo também na modernização de seus equipamentos, adiando por mais alguns anos o seu fechamento. Mas no dia 24 de outubro, o inevitável aconteceu: o jornal fechou suas portas . Pela tradição, pela importância histórica e jornalística uma perda para a população.

Esta edição traz a missão de relembrar e lamentar o fechamento do jornal mais tradicional da cidade

Depois de tanto tempo publicando fatos importantes, o jornal virou notícia !

Crônica

Catatau e Zé Colméia

O baixinho não leva desaforo pra casa

Fernando Machado
7 período de Jornalismo

No último dia 21, Romário voltou a ser destaque na mídia. Durante um treino do Fluminense, nas Laranjeiras, ele e seu fisioterapeuta, um tal de "Zé Colméia", agrediram um torcedor que, em sinal de protesto, jogou seis galinhas dentro de campo minutos antes. Em frente às câmeras, e ao lado de um brutamontes, o baixinho fica bastante valente. Chamou o torcedor para a briga, dizendo que dentro da "sua" casa (o estádio das Laranjeiras, no caso; pelo jeito, ele deve crer que o Maracanã também é seu) ele não aceita desaforo.

Romário e seu fisioterapeuta, um tal de "Zé Colméia", agrediram um torcedor que jogou galinhas dentro de campo

Um dia depois, em um jogo contra o Corinthians, no Maracanã, o Fluminense venceu por um a zero. O gol foi de Romário. "De vilão a herói em apenas um dia". Foi assim que grande parte da mídia definiu os acontecimentos.

Eu assumo: sou Flu e, no entanto, não me interessa um mínimo sequer a vida particular e os problemas pessoas de Romário ou de qualquer outro jogador. Mas, sem querer parecer piegas, acredito que figuras notórias da sociedade têm, sim, um exemplo a dar. Essas figuras não precisam expor a vida íntima, como faz a maioria, mas, pelo menos, sustentar um comportamento ético e, no mínimo, civilizado.

Devido à sua exposição, Romário influencia a visão do mundo do futebol de milhões de crianças. Muitas delas querem ser profissionais da bola. E o profissionalismo é coisa séria. Fala-se tanto em clube-empresa, mas em nenhuma empresa séria um funcionário agride um cliente e ainda recebe tapinhas nas costas por isso ("O baixinho não leva desaforo pra casa"). Alguém tem de contar para o Romário que nem o estádio das Laranjeiras, nem o Maracanã e nem o mundo são seus. Os estádios são dos torcedores, dos times, do povo. Ele é um funcionário do clube.

Romário tira de seu ego a matéria-prima para sua auto promoção. Depois do jogo contra o Corinthians, ele disse: "Quando eu nasci, Deus apontou o dedo pra mim e falou: esse é o cara". A diretoria e o técnico do Fluminense, ao invés de trazerem o baixinho de volta ao planeta Terra, não perdem a chance de obter o lucro fácil. Renato Gaúcho: "O Fluminense é Romário e mais dez". Romário: "Deus é dez e Romário é onze". Com quase quarenta anos de idade, ele não está com essa bola toda. Mas eu ainda gostaria que ele continuasse a jogar futebol: só para ver onde isso vai parar. No entanto, desejo que isso aconteça em qualquer time, menos no Fluminense.

reprodução / montagem: Revelarte

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Borges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

O que é isso, companheira?

Luta, Amor e Traição se cruzam na história de Madá

Nascida em berço católico estava predestinada a seguir os costumes da época. Madá tinha outros planos para sua vida, participar da revolução socialista do país

Denise Nakamura
4º período de Jornalismo

Karine Rogério

Maria Madalena Prata Soares é uma daquelas pessoas que nos emociona ao contar sua vida

Maria Madalena Prata Soares é uma daquelas pessoas que nos emociona ao contar sua vida. Durante a ditadura militar no Brasil, ela viveu uma história recheada de ação, amor e traição. É de impressionar a maneira como Madalena encarou todos obstáculos que se colocaram em seu caminho.

Maria Madalena, conhecida como Madá, tinha dois irmãos militantes e, antes mesmo de terminar o curso normal, já fazia parte de uma pré-organização, a Juventude Estudantil Católica. Ela dava aulas para crianças carentes no colégio Nossa Senhora das Dores e para adultos na Igreja São Domingos. Não queria terminar o colégio, se casar e levar uma vidinha comum. Até que, em 1966, com apenas 18 anos, assim que se formou, foi estudar jornalismo na Universidade Federal de Belo Horizonte. "Minha idéia era participar da revolução socialista do país. Eu queria mudar o país", diz.

Entrou na Universidade e logo trocou o curso pela militância. Fazia parte da Ação Popular Marxista Leninista – a AP (a AP nasceu entre jovens militantes e agremiações da Ação Católica; em junho de 1962 fez seu lançamento em Belo Horizonte; sua bandeira era o "socialismo humanista"). Seguindo o caminho que havia começado em Uberaba, Maria Madalena ensinava adultos no Bairro São Bernardo, uma favela em Belo Horizonte. Além da alfabetização ela e outros militantes faziam o que chamavam de conscientização política. Eram discutidos com os alunos, por exemplo, seus direitos como trabalhadores e a verdadeira realidade do país.

Depois de alguns meses, sem abandonar a educação, sentiu-se preparada para participar da campanha contra o desfavelamento. "Virou rotina o governo tirar a favela de um lugar, transformá-lo em bairro de classe média e coloca-la em outro. Nós queríamos criar resistência ao poder do Estado". Assim, Maria Madalena ficou todo o ano de 1967 fazendo esses dois trabalhos.

Madá foi presa pela primeira vez em maio de 1967, na casa de um companheiro onde foi buscar dinheiro para um casal militante sair do Brasil

Logo no início do ano a repressão política ficou mais séria. Madá foi presa pela primeira vez em maio do mesmo ano (1967), na casa de um companheiro onde foi buscar dinheiro para um casal militante sair do Brasil. Ela e todas as pessoas que estavam na casa foram levadas para o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Madalena inventou uma desculpa, mas, mesmo assim, ficou presa durante quinze dias até que o pai de duas amigas, que também foram presas, conseguiu tirá-las de lá.

O inicio da clandestinidade

Assim que saiu da prisão procurou a organização e pediu para entrar na clandestinidade. Seu primeiro pseudônimo foi Maria Auxiliadora de Aguiar. Mudou-se de aparelho – assim se chamava o lugar onde moravam os militantes – esqueceu seu verdadeiro nome, criou uma história de vida e desligou-se ainda mais da família. Aprendeu a fiar, sua profissão a partir da mudança de identidade era de fiandeira de tecelagem, e foi trabalhar no movimento operário da cidade industrial. O momento era de uma grande greve. O slogan da campanha era: "50% de aumento ou greve".

"Eu ansiava com a militância, eu queria fazer a revolução. Não tinha outra coisa que eu queria fazer na vida"

Até Madá foi afetada pela crise. Ela recebia o que hoje corresponde a R$150,00 pelo trabalho como professora. O dinheiro vinha da organização, ou seja da Ação Popular, e no ano de 67 ficou seis meses sem receber. A organização era sustentada por simpatizantes, pessoas que não eram militantes, mas sentiam afinidade pelos seus ideais. A comida era pouca e como ela conta, "o máximo era

issuu-downloader.com

macarrão com lingüiça frita". Mas aqueles jovens não se importavam com alimentação ou com roupas, eles queriam um futuro justo, queriam lutar por sua ideologia. "Eu ansiava com a militância, eu queria fazer a revolução. Não tinha outra coisa que eu queria fazer na vida", diz Madalena.

Durante esse período ela começou a namorar um companheiro estudante de medicina e foram morar juntos. Ele decidiu sair da clandestinidade, mas Madá queria continuar sua luta pela liberdade. Decidiram separar-se, mas ela já estava grávida.

Uma garota de 21 anos, naquele tempo, militante, mãe solteira, as coisas não seriam fáceis

Uma garota de 21 anos, naquele tempo, militante, mãe solteira, as coisas não seriam fáceis. A organização achou melhor que ela se deslocasse de região. Em 1968 mudou-se para São Paulo. Três dias depois que chegou, a repressão em Minas foi fortíssima e muitos de seus companheiros foram presos.

Ela continuou na clandestinidade e no trabalho operário, porém com mais cuidado por causa da gravidez. A criança nasceu em 1969. Era um menino, um sonho se tornando realidade. "Eu estava vivendo um momento de sonho na militância. Meu filho ia nascer na nova sociedade". Maria Madalena teve apoio de seus colegas,da organização e da família. Os companheiros faziam visitas, mandavam fraldas, leite e roupinhas. As famílias, dela e dele, quando ficaram sabendo da gravidez, também apoiaram muito. Maria Madalena teve o bebê em um bom hospital e contou com a solidariedade de todos. "Como ele não tinha um pai presente, vários companheiros foram pais", conta.

Um dia recebeu a visita de José Carlos da Mata Machado, na época vice-presidente da União Nacional dos Estudantes. Carioca, nascido aos vinte dias do mês de março de 1946, José Carlos era, desde muito jovem, reconhecido por sua liderança política e dedicação. Em 1964, entrou na UFMG, no curso de direito, tendo conseguido o primeiro lugar no vestibular. Em 1967 foi eleito vice-presidente da UNE e preso em outubro de 1968, durante um congresso da União, em Ibiúna. Depois de solto, entrou na clandestinidade. Nessa época ele já integrava os quadros da Ação Popular.

Madalena teve o segundo filho, Dorival, no dia 19 de fevereiro de 1972 numa situação mais difícil

Companheiros de AP, Maria Madalena e José Carlos conversaram e se apaixonaram. Casaram-se em 1970 e foram militar em Fortaleza. O casal era unido pelo amor e pela vontade de transformar o mundo. Por mais de um ano moraram em uma favela de Fortaleza. A criança estava sempre ao lado da mãe.

Eles faziam parte do movimento operário camponês. Para ambos o contato com a família era escasso. O pai de José Carlos ajudava com dinheiro, mas eles pouco se viam. O dinheiro era mandado através da organização, o que causou alguns problemas visto que em 1971 houve um racha na Açaõ Popular. A divergência política foi tão grande que a AP se dividiu em duas: O PcdoB e a APML. Madalena e José Carlos ficaram na APML, que havia ficado com o menor número de militantes.

Um pouco antes do divisão acontecer, o casal havia decidido ter um filho. Madalena estava grávida quando a situação se complicou. No final de 1971 ela foi para São Paulo, com quatro meses de gravidez, reorganizar a vida e esperar o nascimento do filho.

O combinado seria que ela ficasse na casa de um dos irmãos militantes, Ricardo Prata Soares. Porém, quando chegou na cidade ficou sabendo que ele, sua esposa e a irmã caçula deles tinham sido presos. Ela, que já havia estudado em Uberaba no Colégio Nossa Senhora das Dores, decidiu procurar o Colégio das Dominicanas em São Paulo.

Assim que chegou, uma das irmãs Dominicanas, que por coincidência conhecia Madalena, perguntou se ela estava vindo da missa de sétimo dia de sua mãe. Madá ficou chocada. A distância entre ela e a família era tão grande que ela não sabia da morte de sua mãe, nem da prisão de seu irmão. As dominicanas contaram o que havia acontecido. Ricardo foi preso em Uberaba quando veio para o enterro da mãe. Depois de três dias pensando no que fazer, Madalena foi para Goiânia ficar com seu outro irmão, Gilberto Prata Soares. Gilberto também era militante da organização.

Madalena ao lado de seus filhos: Dorival, Eduardo e Lucas

foto: arquivo pessoal

issuu-downloader.com

Madalena teve o segundo filho, Dorival, no dia 19 de fevereiro de 1972 numa situação mais difícil. O Hospital era público e mais de cinqüenta mulheres aguardavam atendimento. Dezessete dias depois do nascimento, ela entrou no ônibus para encarar 53 horas de viagem de volta à Fortaleza com um filho recém nascido nos braços e outro pequeno no colo. Sua força e coragem vinham da vontade de estar próxiam ao marido e fazer justiça.

Quando chegou em Fortaleza, a repressão do Araguaia já havia começado. A polícia estava prendendo e matando. Até hoje essa é a época de grande escuridão da militância. Pessoas desapareceram e não se sabe onde foram enterradas. Ninguém consegue explicar com detalhes o que aconteceu, "Só quem estava lá sabe, mas quem estava lá, vivo não voltou e quem foi preso não sabe o que aconteceu", lembra Madalena.

Madalena e José Carlos mudaram-se para Recife em 1973, com a intenção de buscar militantes que ficaram presos em Maranhão depois da repressão camponesa. Eduardo, o filho mais novo ficou doente antes de se mudarem. Ele teve meningite e ficou muito mal. Para não prejudicar a saúde da criança ela ficou com os avós paternos. Dorival, o filho mais velho de Madalena também ficou, mas dois meses depois quis voltar para a mãe. A separação causou sofrimento para o casal.

Conseguiram resgatar os militantes de Maranhão, mas a repressão estava perto. Na casa onde moravam começaram a acontecer coisas suspeitas. De repente apareciam vendedores de cachorro-quente, de balões, de pipoca, em lugares onde não havia pessoas para comprar tantas coisas. Era a repressão fazendo campana. A polícia estava atrás deles.

Mudaram-se de casa, mas a perseguição continuou. Neste momento José Carlos decidiu que iria para Salvador arrumar um lugar para abrigar a família que passava por muitas dificuldades. O dinheiro tinha acabado e Madá resolveu entrar em contato com a família e pedir. Lá perceberam que a repressão estava chegando.

No mesmo período, Gilberto, irmão de Madalena, apareceu pedindo ajuda para voltar para Ação Popular. Ele disse havia sido preso por engano. O casal abrigou Gilberto e o ajudou.

José Carlos sabia que a repressão estava prendendo todos, então decidiu ir para o Rio na casa de sua irmã. Sua intenção era conseguir um meio de Madalena chegar à Minas. "Ele foi para o Rio e disse que mandaria um telegrama em oito dias. O telegrama não chegou", diz.

Chega ao fim a vida clandestina

Em 12 de outubro de 1973, ela decidiu sair da clandestinidade. Fez novos documentos com seu nome verdadeiro e foi para o Rio de Janeiro com seu irmão Gilberto e o filho Eduardo atrás de seu marido. Quando chegaram no Rio existiam rumores de que José Carlos tinha fugido para Minas. Gilberto foi para São Paulo procurar por notícias dele e Madalena foi para Belo Horizonte com esperanças de encontra-lo por lá.

Com medo da repressão, os pais de José Carlos esconderam Maria Madalena e Eduardo em uma chácara próxima a Betim. Ela ficaria lá até terem notícias de José Carlos. Mesmo com todo cuidado que tomava, no dia 22 de outubro do mesmo ano, a polícia prendeu Madá e o filho.

Na prisão ela era torturada e indagada a todo momento sobre José Carlos. Como não sabia o que havia acontecido com ele, Madalena achou melhor inventar uma história, porque se o marido estivesse fugindo, ganharia tempo. Alguns dias depois seu filho foi levado de lá para casa de seus sogros. Ela não sabia disso. Disseram que estavam levando o menino para um orfanato.

Madá e José Carlos mudaram-se para Recife em 1973, com a intenção de buscar militantes que ficaram presos em Maranhão

Depois de muita tortura e infindáveis interrogatórios, ela conseguiu ler em um livro relatório, que foi descuidadosamente deixado em cima de uma mesa próxima a ela, que José Carlos Mata Machado estava morto. Ela perguntou ao policial que a interrogava se o que havia lido era verdade. Ele tentou negar, mas era a verdade.

José Carlos foi assassinado em uma emboscada da repressão. No dia 19 de outubro, em São Paulo, ele marcou encontro com seus companheiros. Logo depois do encontro foram presos por elementos fortemente armados. Ficaram presos por três dias respondendo a interrogatórios. Apenas os companheiros de José Carlos foram transferidos para o 12° Regimento de Infantaria de Belo Horizonte.

Depois que soube da morte de seu marido, Maria Madalena teve que ser internada em uma clínica psiquiátrica. "Eu fiquei totalmente louca. Primeiro que você segura muito tempo uma história tentando salvar a vida de alguém que não existe mais. Ele tinha sido assassinado no dia vinte e oito de outubro". Madalena só saiu da clínica por intervenção de seu sogro. Ficou presa durante cinco meses e meio.

Depois de tudo que viveu, Madalena não sabia como voltar à vida normal. Com a ajuda da família e dos amigos, conseguiu um emprego e começou a se acostumar com a nova fase. Morava com o sogro em Belo Horizonte, mas a saudade e o difícil cargo de viúva de José Carlos, fizeram com que Madá se mudasse várias vezes. Em 1980 foi para João Pessoa, estudou Artes e fixou-se por lá.

Depois de muita tortura e infindáveis interrogatórios, ela conseguiu ler em um relatório que José Carlos estava morto

Em 1983, seu irmão Gilberto, o mesmo que pediu ajuda ao casal, lhe contou que havia feito um acordo em 1972 com o CIEX – Centro de Informação do Exercito, no qual ele entregava o casal desde que a vida de sua irmã fosse preservada. Gilberto Prata Soares já não fazia mais parte da organização. Ele propunha acordos com o CIEX. Os passos de Maria Madalena e José Carlos foram acompanhados desde então. Em consequência, inúmeros militantes e simpatizantes foram pegos. A vida de Madalena foi reservada, mas ainda assim foi um abalo emocional enorme saber que seu irmão entregou José Carlos aos militares. Foram meses de terapia intensiva para conseguir superar o trauma.

A história teve repercussão internacional. Desde a revista Veja até a Times noticiaram o episódio. Em homenagem, o nome de José Carlos, foi dado a uma rua em Belo Horizonte, cuja antiga denominação era Dan Mitrione.

Em 1997, quando sentiu-se preparada, Maria Madalena voltou para Uberaba acompanhada de Lucas, seu terceiro filho. Ela sentia saudades da família e do " céu da cidade". Atualmente Madá realiza um trabalho de pesquisa sobre pigmentos naturais para Marcelo Palmério e está ministrando cursos de extensão na área de Artes, na Uniube.

Na semana passada, no dia 28 de outubro, completaram trinta anos desde a morte de José Carlos. Este ano Madá teve a felicidade de comemorar o nascimento de sua primeira neta, Eduarda, filha de Dorival, fruto de seu grande amor por José Carlos.

Karine Rogério

Em 1997, quando sentiu-se preparada, Maria Madalena voltou a Uberaba. Hoje dá aulas de arte nos cursos de Extensão da Uniube

issuu-downloader.com

O fim de uma tradição

Lavoura e Comércio fecha depois de 104 anos de história

"Olha o Lavoura ai", gritava na sua infância

Gilberto Lacerda
6º período de Jornalisnmo

Era sagrado. Seu Justino terminava sua soneca depois do almoço e dirigia-se para a rua Vigário Silva. No caminho até seu objetivo, lembranças de uma Uberaba mais tranqüila e menos movimentada. Na viagem pela memória, recordou-se das roupas recatadas das mulheres da década de 40, com seus vestido até os tornozelos. Voltou há 2003 ao ser cumprimentado por uma jovem com mini saia acima dos joelhos. Achou engraçado a economia de tecido com o passar dos anos. Tentou fantasiar como seriam as roupas das mulheres daqui a trinta anos, mas seus devaneios foram interrompidos por uma criança, que apressada para chegar em algum lugar esbarrou no ancião.

O caminho dos dois era o mesmo. Olhando o garoto, novamente fez uma viagem no tempo. "Olha o Lavoura ai", gritava na sua infância. O dinheiro que ganhava vendendo o jornal, gastava tudo em sorvete. Riu da imprudência infantil. Passaram décadas e o grito das crianças continuava o mesmo.

Com seus passos lentos, curtos e laboriosos aproximou-se do seu destino, na contramão o garoto cabisbaixo passa por ele sem dar o tradicional grito. Intrigado acompanhou por alguns instantes, o caminhar triste do garoto que se sentou a alguns metros dali.

Quintiliano Jardim desbravou sertão para levar o jornal o interior de Goiás

fotos reprodução: Juliano Carlos

Funcionários do Lavoura & Comércio em reprodução de foto de 1907

Com o auxilio da sua inseparável companheira, a bengala de alumínio, finalmente chega ao seu destino. Buscou no bolso da velha camisa de seda a extensão do seu dois olhos. Ajeitou os óculos para ler as tradicionais manchetes do Lavoura e Comércio, todas escritas a mão. Não viu nada. Limpou os óculos, nada. "Fechou moço", disse o garoto, como se anunciasse a última manchete.

Jornal foi o pontapé inicial para o começo da imprensa no Triângulo Mineiro

Como tudo começou

No dia 6 de julho de 1899, pequenos e grandes produtores rurais unidos contra o governo, por causa do crivo do fisco estadual, fundam um jornal para defender seus interesses. Em 2003, um tradicional jornal agoniza durante anos até o seu inevitável fechamento. Cento e quatro anos separam essas duas histórias. O jornal é o mesmo: Lavoura & Comércio foi muito mais do que um jornal, foi a expressão e o perfil de Uberaba e região, ligando a historicidade das tradições e costumes de um povo, entre três séculos distintos.

Criado no final do século XIX, por Antônio Garcia Adjunto, diretor do Lavoura e Comércio, o jornal é o registro histórico do pontapé inicial para o começo da imprensa na região do Triângulo Mineiro.

A semente plantada pelos agricultores foi a voz dos produtores rurais, defendendo os interesses da categoria. Seis anos depois de sua criação, o Lavoura e Comércio passou para a família Jardim. Os irmãos Francisco e Quintiliano Jardim, incrementaram ainda mais a linha editorial na preservação dos direitos da coletividade, e ainda ampliaram o raio de abrangência do jornal para além das fronteiras de Minas Gerais. A perseguição foi implacável, jornalistas foram perseguidos, mortos e a sede do jornal foi incendiada.

Quintiliano Jardim ficou à frente do Lavoura até sua morte, em 1966

Quintiliano Jardim ficou à frente do Lavoura até sua morte, em 1966, quando seus filhos George de Chirée, Raul e Murilo Jardim assumiram a direção. A credibilidade do impresso se traduzia na máxima que marcou época: "Se o Lavoura não deu, em Uberaba não aconteceu".

Nesses cento e quatro anos de história, Uberaba e região conheceram grandes jornalistas pelas paginas do Lavoura e Comércio, dentre eles Ataliba Guaritá Neto, Netinho como era mais conhecido, que marcou época com o seu colunismo social, apresentado de forma poética.

Sua coluna, "Observatório", atravessou gerações. Nem mesmo a enfermidade impediu que ele escrevesse. Com a trêmula mão esquerda ainda conseguia digitar, auxiliado por Maria Fernanda Guarita, sua neta e sucessora no jornal.

Desde de sua fundação o Lavoura e Comércio deixou de circular apenas dois dias, na década de 80, devido à greve dos gráficos. Em mais de um século de vida o veículo suportou todas as transformações, investindo também na modernização de seus equipamentos.

Linotipo era a tecnologia de composição gráfica até o final dos anos 80

issuu-downloader.com

Placa de notícias diárias na janela foi uma das marcas tradicionais do Lavoura & Comércio

Adormecimento de opinião - "104 anos não são 104 meses, muito menos 104 dias", com essa frase o jornalista Luiz Gonzaga de Oliveira, proprietário do jornal Cidade Livre, expressa seu pesar pelo encerramento dos trabalhos do jornal Lavoura e Comércio. Gonzaga recorda-se que um dos primeiros proprietários do jornal, Quintiliano Jardim, saía montado no lombo de um burro, visitando as cidades da região, por entre mato e estradas de terra, levando a notícia de Uberaba, do estado e do Brasil, para os mais afastados rincões, incluindo no seu itinerário cidades além do rio Paranaíba. No início, o Lavoura e Comércio, graças ao empenho de Quintiliano Jardim, chegava ao interior goiano, sendo o órgão de comunicação oficial de cidades como Itumbira, Rio Verde, Catalão, dentre outros municípios.

Quintiliano saía montado em lombo de burro, visitando cidades da região, levando a notícia para os mais afastados rincões

Para Gonzaga, foi a família Jardim, que esteve a frente da direção do Lavoura até seu fechamento, que incrustou no inconsciente coletivo do povo uberabense, o habito da leitura. A semente, plantada a mais de um século rendeu frutos como Jornal da Manhã, Jornal de Uberaba e o caçulinha Cidade Livre. "Das 27 capitais, apenas seis ostentam a leitura de jornais diários, em número de quatro, como até pouco tempo vinha acontecendo em Uberaba. Caso único na história da imprensa nacional. Isso se deve única e exclusivamente ao Lavoura e Comércio", comenta.

"Se o Lavoura não deu, em Uberaba não aconteceu"

Com sua voz rouca, articulado frases saudosistas entre uma coçada e outra nos cabelos brancos, Luiz Gonzaga relembrou momentos memoráveis do Lavoura e Comércio. O trecho a seguir foi transcrito na integra, para que você, caro leitor, tenha uma noção do que representou o jornal de 104 anos, na vida e na história do jornalismo uberabense. "Desde da sua criação, o Lavoura e Comércio sempre foi uma escola. Se hoje acontece isso com o Lavoura eu me penalizo, eu estou profundamente triste, porque jamais, nós que estamos num quarto jornal local, jamais desejaríamos que o Lavoura tivesse sucumbido diante de vários problemas, que envolve razões que a própria razão desconhece. O Lavoura e Comércio foi, e é um marco da nossa história jornalística. Eu até não acredito sinceramente que o pai de todos os jornais ficara fora de circulação por muito tempo. Eu não acredito num sepultamento do Lavoura & Comércio. Prefiro chamar essa fase de adormecimento de opinião", conclui convicto de que o jornal centenário voltará a circula em breve pela cidade, resgatando a cena que compôs o quadro vivo das esquinas de Uberaba, por mais de 100 anos, garotos munidos das edições do dia gritando a plenos pulmões: "Olha o Lavoura ai".

"Desde da sua criação, o Lavoura e Comércio sempre foi uma escola"

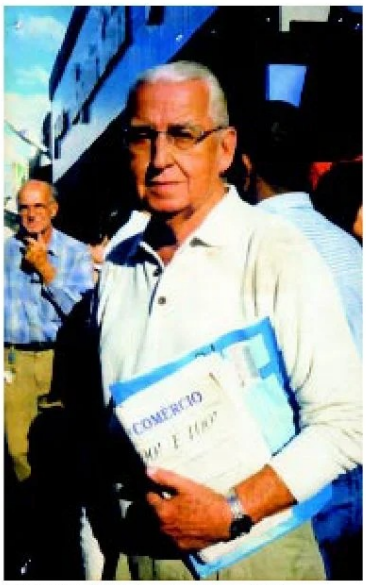
Ataliba Guaritá Neto, colunista social do vespertino, segura a edição comemorativa dos 100 anos do jornal, em 1999

Gráfico trabalha na gravação de chapa para impressão em equipamento offset, em 1998

Funcionários retiram a tradicional placa de notícias no último dia de funcionamento do jornal

issuu-downloader.com

O fim de uma tradição

Personagens mantêm vivas as lembranças

Mariana Martins Arduini
4º período de Jornalismo

Uma antiga construção na rua Vigário Silva, com grandes portas e janelas, abriga o terceiro jornal a nascer no Brasil, o Lavoura e Comércio. Por sua vez, o jornal, que fechou suas portas depois de 104 anos de credibilidade, abriga histórias de vidas dedicadas inteiramente à busca de informações e à sua veiculação. Assim pode ser resumida a carreira de um corajoso profissional no ramo de jornalismo, o jornaleiro Luiz Henrique da Silveira.

"Eu dizia: viúva de cem anos dá à luz a oitenta e duas crianças essa madrugada, aí logo aparecia alguém querendo comprar"

Luizinho, como é conhecido pelas ruas de Uberaba, começou a trabalhar no jornal em 1963, quando tinha apenas oito anos. Em meio às suas peripécias de criança, ele conheceu uma legítima redação de jornal daquela época. "Eu tenho o Lavoura e Comércio como uma casa, onde nasci e fui criado.", conta Luizinho, com um brilho especial nos olhos.

Através de sua profissão, adquiriu o hábito da leitura. Lia todos os jornais que vendia. Depois de ler, ele pegava um amontoado com cerca de 300 jornais, que conseguia carregar com muita facilidade, e fazia seu trajeto. Ele vendia todos os jornais que carregava para os bairros Abadia, Leblon e Amoroso Costa.

Luizinho gostava de fazer propagandas para vender e por isso criava sua próprias manchetes. "Eu dizia: viúva de cem anos dá à luz a oitenta e duas crianças essa madrugada, aí logo aparecia alguém querendo comprar", lembra.

Além do talento inato de vender jornais, Luizinho também mostrou sua boa vontade fazendo cafezinhos para os jornalistas e derretendo o chumbo de que eram feitos os tipos para imprimir o jornal. Assim foram vividos 40 anos com o jornal Lavoura & Comércio. Assim foram sendo criadas duas vidas, Juliana e Elaine, que viram o pai crescer dentro do jornal e sabem que ele não pretende deixar a profissão de jornaleiro.

Hoje, Luizinho não usa mais seu distintivo escrito LACO, que o designava como vendedor do jornal Lavoura & Comércio. Ele não participa mais das festas promovidas por seu Quintiliano Jardim, antigo proprietário do jornal, e sua esposa Zizi. Hoje Luizinho apenas passeia pela frente do prédio do jornal fechado, admirando sua bela fachada. "Seu Quintiliano Jardim e seus filhos eram o coração do Lavoura. Se esse coração parasse o jornal também pararia. É o que está acontecendo."

Luizinho, como é conhecido pelas ruas de Uberaba, começou a trabalhar no jornal em 1963, quando tinha apenas oito anos

Hoje a antiga construção na rua Vigário Silva abriga uma vasta história do povo uberabense. Guarda um acervo de edições do jornal desde 1899 e merece que seja preservado para mostrar às futuras gerações o porquê da tamanha paixão de pessoas como seu Luizinho para com o jornal.

O cobrador que virou jornalista

Era uma vez. Todas as histórias começam assim. O jornal Lavoura & Comércio contribuiu diretamente para trazer a tona o "Era uma vez" de Uberaba. Antes do vespertino, não existia imprensa na cidade. Uma chama foi acesa no dia 6 de julho de 1899, sendo atirada nesse poço, caindo lentamente e iluminando as lembranças no mergulho do passado da história de Uberaba.

Alguns personagens marcaram essa história. Com toda certeza o personagem mais folclórico que passou pelo Lavoura & Comércio, é o jornalista Luiz Roberto Gomes da Silva, o popular "Quiabo". Ele era cobrador e andava por toda a cidade de Uberaba com sua velha lambreta. Presenciava fatos cotidianos e repassava aos amigos jornalistas. Em 1975 foi convidado para trabalhar como jornalista no Lavoura & Comércio. No começou fazia de tudo, tirava fotos, redigia matérias e auxiliava na impressão.

Boêmio de carterinha, Quiabo adorava apostar e jogar sinuca ao final de cada expediente com os colegas de redação. Perdia de forma vexatória quando foi chamado para cobrir um acidente sofrido pelo embaixador da União Soviética, no aeroporto de Uberaba.

"Quiabo" ao lado do seu grande mestre, Ataliba Guaritá Neto

No caminho, duas perguntas não saiam do seu pensamento: Como pagar os colegas depois de ter perdido várias partidas, e como estariam as pessoas envolvidas no acidente?

Estranhamente, o embaixador estava no assento do co-piloto do avião, com os dedos das mão presos entre as ferragens. Com a máquina fotográfica em punho tirou várias fotos. Quiabo se arrepia ao lembrar que a equipe de resgate teve de cerrar os dedos do embaixador para poder solta-lo das ferragens e levá-lo ao hospital. Mesmo sentido náuseas, não deixou de tirar as fotos.

O filme acabou. Precisava de mais. A excitação, misturada com o nervosismo diante do problema o faziam suar em cascata. Sua visão turva por causa do suor que escorria pelo rosto não o impediu de achar o caminho de volta até o carro. No veículo trocou o filme e voltou ligeiro para para os destroços do avião.

Quando ia tirar mais uma sequência de fotos foi coibido por policiais militares e seguranças da embaixada. Colocaram Quiabo dentro do camburão e com educação "solicitaram" o filme: "Ou você nos dá este filme, ou queima, ou nos vende". O verbo vender acendeu uma luz no cérebro. A luz iluminou uma idéia brilhante,: "Já que é pra vocês eu vendo". E vendeu.

No outro dia as fotos do acidente, que estavam no primeiro filme, foram estampadas no Lavoura e Comércio. Com o dinheiro que conseguiu, graças a venda do filme virgem aos militares, pagou o que devia aos colegas. **(G. L.)**

issuu-downloader.com

O fim de uma tradição

A última notícia

Após 104 anos de veiculação ininterrupta, o Lavoura & Comércio paralisa suas atividades por questões econômicas e financeiras

Nanda Guaritá Bento
7º período de Jornalismo

Há mais de um século, diversos uberabenses param para ler as manchetes na rua Vigário Silva, 45. O trânsito ficou mais movimentado, o comércio prosperou e as fachadas das casas mudaram, mas o velho quadro continua a chamar atenção de todos que circulam pelo centro da cidade.

Há mais de um século, diversos uberabenses param para ler as manchetes na rua Vigário Silva, 45

Para os idosos, a tradição parece tão essencial quanto o café da manhã. O grupo se reúne bem cedo, bate-papo na calçada e espera os títulos escritos com pincel atômico em caprichadas letras de forma.

Lana, funcionária há 25 anos, é encarregada de levar os temas que serão tratados no jornal do dia como assassinatos, medidas do governo, assaltos, desempregos, greves, novidades no esporte, promessas políticas e etc.

Alguns começavam a seguir carreira, outros já estavam na casa há sessenta anos como o Sr. Caetano

Porém, no dia 27 de outubro de 2003, o quadro trazia uma triste notícia: "Após 104 de veiculação ininterrupta, o Lavoura & Comércio paralisa suas atividades por questões econômicas e financeiras." Aquele aviso trouxe indignação aos leitores. O jornal já teve uma força política imensa, foi distribuído em cidades de diferentes estados, vendeu milhares de exemplares, constituiu um dos mais ricos arquivos brasileiros. Como uma simples frase poderia explicar o fechamento do mais antigo jornal de Minas Gerais e terceiro mais antigo do país? Parte da história uberabenses estava de portas lacradas.

Junto ao velho quadro, trinta e um funcionários se posicionavam para uma foto histórica. Fotógrafo, jornalistas, diagramadores, entregadores, editor, boys, vendedores, diretores, faxineira, integrantes do departamento comercial, responsáveis pela distribuição e pelo arquivo, secretárias.

Alguns começavam a seguir carreira, outros já estavam na casa há sessenta anos como o Sr. Caetano. Quando percebemos o grave problema financeiro, todos tentaram fazer o impossível para manter o Lavoura & Comércio vivo. Agora, que o jornal sobrevive apenas na lembrança, um mistura de sentimentos invade o coração e a cabeça de cada um. Preocupações com os salários atrasados, derrota, medo do futuro e uma profunda dor.

Apontar um ou mais culpados não me devolveria aquele emprego. Pessoalmente, sinto uma grande perda. Assinar a coluna social Observatório durante estes três anos foi, acima de tudo, uma honra. Com o maior prazer do mundo, vovô Netinho escreveu esta página por quase cinqüenta anos. Continuar o trabalho é uma forma de matar a saudade e de manter alguns dos seus ensinamentos vivos. A atividade me dava a oportunidade de ajudar o próximo, valorizar as riquezas da nossa terra, fazer novas amizades e ter retorno financeiro.

Agora, que o jornal sobrevive apenas na lembrança, uma mistura de sentimentos invade o coração e a cabeça de cada um

Todos esses pensamentos sobre o Observatório vieram a minha mente mais tarde, quando refleti sobre o que tinha acontecido e sobre a minha participação do Lavoura. Mas, na hora do foto, a mistura que deprimia os outros funcionários não era a mesma que me assombrava. Eu só pensava em como o vovô se sentiria naquele momento. Ele era um dos primeiros a chegar no jornal. Comunicativo e muito humano, atendia os pedidos de todos. Da senhora que gostaria de publicar a foto da filha debutante, dos noivos que irradiavam felicidade, do casal que completou Bodas de Ouro, do garoto aprovado no vestibular, da bela moça que completava mais um ano de vida, das organizadoras da festa beneficente, do uberabense que brilha profissionalmente. Acredito que se estivesse entre nós, um pouco do brilho do vovô Netinho se apagaria com as luzes do jornal. Afinal, a trajetória do Lavoura se entrelaçava com sua própria vida.

Garotos vendedores de jornais são figuras tradicionais na cidade

Prédio do Lavoura & Comércio é uma edificação importante do patrimônio cultural da cidade

issuu-downloader.com

Finados

O preço da morte

Dificuldades financeiras na hora da morte podem ultrapassar a dor da perda

Erika machado
6º período de Jornalismo

O Dia de Finados é para muitas pessoas um momento reservado para a reflexão, momento de repensar a vida e seu sentido; de relembrar a vida de entes queridos que já partiram. Só em Uberaba, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no primeiro semestre de 2003, morreram mil e cem pessoas. No cemitério São João Batista estão quarenta e quatro mil túmulos e duzentos mil pessoas enterradas.

As dificuldades na hora da morte podem ultrapassar a dor da perda.

Na hora de contratar uma funerária é preciso ainda pensar nos gastos. Os serviços incluem a urna, o velório e o translado para o cemitério. Os preços variam de acordo com a urna escolhida. As mais simples custam, em média, trezentos e cinquenta reais, mas para quem busca luxo pode ter um ataúde de até quatro mil reais. Fábio Pagliaro é dono de uma funerária da cidade. Ele conta que faz em média, oitenta velórios por mês, com cerimônias de vários estilos e preços; tudo vai depender da condição e da vontade da família.

As formas de pagamento podem ser negociadas. Divide-se em várias parcelas ou até mesmo faz parte dos planos familiares. Uma taxa mensal garante todo o serviço funerário. A média dos planos oferecidos na cidade custam quatorze parcelas no valor de seis por cento do salário mínimo. O titular pode incluir outras pessoas da família, mas enquanto um dos beneficiados estiver vivo o plano precisa ser pago. Fábio acredita que oitenta por cento da população da cidade já tenha um plano familiar (sic).

Há famílias carentes que não conseguem pagar os serviços e que também não têm condições de manter um plano funerário

Dentro destas estatísticas está Ronaldo Assis, mesmo desempregado, ele mantém o plano que inclui esposa, filhos, mãe e um irmão. Para ele, é uma forma de se preparar para o imprevisível. Todos os gastos com o serviço funeral já estão garantidos, com isso evita-se dor de cabeça e preocupação para a família em um momento tão difícil.

Mas não são todos que podem contar com essa precaução. Há famílias carentes que não conseguem pagar os serviços e que também não têm condições de manter um plano funerário. Há três anos a Prefeitura arcava com os serviços funerários dos menos favorecidos, mas atualmente isso é feito pelas próprias funerárias, como ação empresarial de responsabilidade social.

As mais simples custam, em média, trezentos e cinquenta reais, mas para quem busca luxo pode ter um ataúde de até quatro mil reais

Quatro funerárias da cidade oferecem quatro serviços gratuitos por mês. A família deve procurar a SETAS e comprovar renda. Foi o que fez José Roberto Campos. Ele perdeu um irmão há um mês, e desempregado, sem condições nenhuma de arcar com o funeral, foi beneficiado pela funerária que bancou todas as despesas. Se não fosse isso, ele mesmo admite, seu irmão teria sido enterrado como indigente.

Na contra-mão desta história, Júnior Teixeira, perdeu a mãe há onze anos, e resolveu fazer algo diferente. Entre túmulos de famosos, como Chico Xavier e anônimos como milhares que estão no cemitério São João Batista, ele construiu uma torre de trinta e um metros de altura. Com vidros coloridos, fotos, mensagens, bonitas peças e flores, tudo para demonstrar amor à sua falecida mãe, pois ameniza a saudade. Ele conta que gosta de chegar lá e se sentir bem, não pensando na morte como algo triste.

Sejam simples ou sofisticados, os velórios e túmulos ainda representam a perda de uma pessoa querida, cujos momentos vividos juntos são marcas indeléveis, estas sim não tem preço e perpetuam na mente e no coração daqueles que aprendemos amar em vida.

arquivo Revelação

issuu-downloader.com

IN MEMORIAM

Pela caridade de nossas preces estreitamos para com aqueles que partiram os vínculos de amor que nos unia em vida

Alécio Freire
6º Período de Jornalismo

Fazemos memória de nossos estimados amigos e entes queridos no Dia de Finados. Tradição católica que entrou para o calendário civil como feriado nacional. Todos acorremos aos campos santos para oferecer aos mortos nossas homenagens: flores, coroas, velas, preces, lágrimas... saudades! No entanto, fica na lembrança os bons exemplos daqueles que aprendemos a amar em vida. Pois o amor, o bem, as realizações não morrem jamais. A eles, nossa imorredoura gratidão. Nobre sentimento. Bálsamo para o coração. Refrigério para a alma.

Se por todas as culturas guarda-se a memória dos mortos, também esse bom costume, a partir de uma perspectiva cristã católica, chegou até nós advinda do mosteiro beneditino de Cluny, na França, desde 998, devida ao santo abade Odilon. A difusão dessa comemoração deveu-se então a esse mosteiro por causa de sua ampla influência na Europa setentrional. Somente em 1311 que foi sancionada, em Roma, oficialmente a memória dos falecidos. Mas foi Bento XV, em 1915, que universalizou a celebração de missas para os fiéis que morressem sob "o sinal da fé" na esperança da ressurreição.

Segundo a imagem de Dante, há um estado intermediário entre a Igreja triunfante e a militante, porém temporário, "onde o espírito humano se purifica e se torna apto ao céu". Daí a necessidade de se oferecer preces a Deus em sufrágio dos falecidos. Razão então de encomendarmos as missas de sétimo dia, trigésimo dia etc. Por isso, a Igreja reserva na sua liturgia um importante lugar para a lembrança dos falecidos, denominado de *memento dos mortos.* Pela caridade então de nossas preces estreitamos para com aqueles que partiram os vínculos de amor que nos unia aqui nesta vida. Nós ainda estamos em nossa "peregrinação terrestre". Um dia, certamente, outros farão isso por nós. *A vida não é tirada, mas transformada (em outra melhor)* , diz a liturgia católica.

Finados é uma mistura de alegria e dor, de presença-ausência, de festa e saudade

Também assim se expressa: "aos que a certeza da morte entristece, a promessa da imortalidade consola". Neste Dia de Finados, devemos olhar a vida não com os olhos daqueles que se desesperam e se suicidam num ato covarde, (muito embora a psiquiatria vá interpretar tal ato como "ímpeto de loucura", portanto indigno de recriminação e ausente de culpa, sem pecado); digno sim, estes, da misericórdia divina. Mas olhar a vida com a sobriedade da paz daqueles que ao desfiar as contas de um terço no declínio de seus decênios de lustros sabem que a vida é tão pequena para tanto amor, porque palpitando o coração em diástole e sístole, descobriram que entre o céu e a terra , o que impulsiona o caminheiro é a promessa, é o cultivo do sopro da vida, é a esperança do paraíso. Aguardam com sábia paciência para o abraço de retorno à casa paterna. Não esperam pela morte, mas pela vida completa, duradoura, eterna. Anseiam pela aurora que não conhece ocaso.

Aos que ficamos por aqui, cabe-nos refletir e celebrar a vida com amor e ternura

Por tudo isso, faz sentido comemorar e não lastimar os falecidos. Finados é uma mistura de alegria e dor, de presença-ausência, de festa e saudade. Os mortos, formam um time que também torce por nós que ainda estamos aqui no jogo da vida.

Aos que ficamos por aqui, cabe-nos refletir e celebrar a vida com amor e ternura, para depois, quiçá, não amargar no remorso. Aos que partiram, nossa prece, nossa gratidão, nossa saudade! "E descansem em paz!"

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com